

**CLIMATÉRIO E FEMINILIDADE: REARRANJOS IDENTIFICATÓRIOS E
REPOSICIONAMENTOS SUBJETIVOS**

**CLIMACTERIC AND FEMININITY: IDENTIFICATORY REARRANGEMENTS AND
SUBJECTIVE REPOSITIONING**

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.061-030>

Heloísa da Costa Cabral Marinho e Silva
Pós-graduada em Psicologia Clínica Hospitalar
E-mail: Heloisaccmarinhoo@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6156-7013>

Mariana Bentzen Aguiar
Doutora em Psicologia Cognitiva
Professora adjunta da Universidade Federal de Pernambuco
E-mail: Mariana.bentzen@ufpe.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1402-9907>

RESUMO

O climatério constitui uma experiência que ultrapassa suas dimensões orgânicas, incidindo sobre a relação das mulheres com o corpo, a sexualidade, os ideais de feminilidade e as formas de reconhecimento de si. Este estudo teórico, de abordagem qualitativa, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica teórico-interpretativa não sistemática e análise de vinheta clínica, analisa as reconfigurações da feminilidade no climatério à luz da psicanálise. O trabalho articula contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan, especialmente as formulações sobre castração, identificações, sexuação e lógica do não-todo, a partir de uma vinheta clínica construída com base em elementos recorrentes da prática psicológica e com dados modificados para preservar o anonimato. A pesquisa buscou compreender de que modo as transformações corporais e a suspensão da função reprodutiva podem tensionar identificações e ideais narcísicos associados à maternidade, ao cuidado, à juventude e à imagem corporal, bem como investigar possibilidades de rearranjos identificatórios e reposicionamentos subjetivos diante dessas transformações. Os resultados indicam que os efeitos do climatério não são universais nem decorrem diretamente de alterações fisiológicas, pois dependem da história singular e dos significantes que organizam os investimentos de cada sujeito. Conclui-se que o climatério pode constituir um tempo de inflexão subjetiva, favorecendo deslocamentos libidinais, novas formas de relação com o desejo, com o corpo e com o gozo, e ampliando a escuta clínica para além de perspectivas exclusivamente biomédicas.

Palavras-chave: Climatério; Corpo; Feminilidade; Psicanálise; Subjetividade.

ABSTRACT

Climacteric is an experience that exceeds its organic dimensions, affecting women's relationship with their bodies, sexuality, ideals of femininity, and forms of self-recognition. This qualitative theoretical study, developed through a non-systematic theoretical-interpretative literature review and the analysis of a clinical vignette, examines the reconfigurations of femininity during the climacteric from a psychoanalytic perspective. The study articulates contributions from Sigmund Freud and Jacques Lacan, particularly their formulations on castration, identifications, sexuation, and the logic of the not-all, drawing on a clinical vignette constructed from recurrent elements in psychological practice, with modified data to preserve anonymity. The research sought to understand how bodily transformations and the cessation of reproductive function may challenge identifications and narcissistic ideals associated with motherhood, caregiving, youth, and body image, as well as to investigate possibilities for identificatory rearrangements and subjective repositioning in response to these transformations. The findings indicate that the effects of the climacteric are neither universal nor directly determined by physiological changes, as they depend on each subject's singular history and on the signifiers that organize their investments. It is concluded that the climacteric may constitute a time of subjective inflection, fostering libidinal displacements, new forms of relating to desire, the body, and jouissance, and expanding clinical listening beyond exclusively biomedical perspectives.

Keywords: Climacteric; Body; Femininity; Psychoanalysis; Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

O climatério é frequentemente compreendido, no âmbito biomédico, como uma etapa marcada pelo declínio da função reprodutiva feminina e pelas alterações hormonais que culminam na menopausa (Showalter, 1987). Embora essa perspectiva seja relevante para a compreensão dos aspectos fisiológicos envolvidos, sua centralidade tende a reduzir a experiência climatérica a um acontecimento orgânico, obscurecendo os efeitos subjetivos, simbólicos e culturais que atravessam esse período da vida. Tal redução desconsidera que as transformações corporais próprias do climatério não afetam apenas o organismo, mas podem produzir importantes repercussões na relação da mulher com seu corpo, com sua imagem e com os modos pelos quais constrói e sustenta sua feminilidade (Freud, 1931; Kehl, 2008).

Em face a isto, a psicanálise oferece contribuições significativas para ampliar essa compreensão ao conceber o corpo para além de sua dimensão biológica. Desde Freud (1905/2016), o corpo é pensado como corpo erógeno, marcado pela linguagem, pela pulsão e pelos investimentos libidinais. Nessa perspectiva, as mudanças corporais vivenciadas no climatério podem incidir sobre a economia psíquica do sujeito, mobilizando processos de reorganização narcísica e confrontando identificações anteriormente investidas.

Conforme assinala Freud (1914/2010), o narcisismo encontra-se estreitamente relacionado à imagem corporal, de modo que alterações significativas nessa dimensão podem repercutir na forma como o sujeito se percebe e se posiciona diante de si mesmo e dos outros.

Nesse contexto, o climatério historicamente apresenta-se como um momento particularmente fecundo para a investigação da feminilidade. Historicamente associada a atributos como juventude, maternidade e capacidade reprodutiva (Perrot, 2007; Kehl, 2008), a feminilidade pode ser atravessada por importantes deslocamentos quando tais referências deixam de ocupar o mesmo lugar na economia subjetiva. Mais do que uma etapa de perdas, o climatério pode convocar a mulher a um trabalho de elaboração diante das transformações corporais, das mudanças nas identificações e que, ao longo da vida, sustentaram determinadas formas de vivenciar a feminilidade e de se posicionar frente ao próprio desejo.

A problemática da feminilidade ocupa lugar central na tradição psicanalítica. Em Freud (1924/2011; 1925/2011; 1931/2010; 1933/2010), a constituição da sexualidade feminina é abordada a partir das vicissitudes da diferença sexual, da castração e dos destinos do complexo de Édipo. Embora suas formulações tenham inaugurado um campo fundamental de investigação, elas também suscitaram críticas e revisões posteriores, especialmente em relação aos riscos de leituras universalizantes ou excessivamente vinculadas à anatomia (Butler, 2022; Kehl, 2008). Tais debates contribuíram para o aprofundamento das reflexões acerca da feminilidade como construção psíquica e simbólica, e não como mero reflexo de uma lógica imaginária¹ dos sexos – delineada pela divisão entre presença ou ausência de um pênis (Cossi, 2024).

É nesse movimento que as contribuições do psicanalista francês Jacques Lacan assumem especial relevância. Ao retomar a obra freudiana, o autor desloca a diferença sexual do campo anatômico para o campo da lógica, formulando as conhecidas fórmulas da sexuação. Nessa perspectiva, a posição feminina passa a não ser pensada pela via por características biológicas nem por uma identidade universal – posto que, ambos parâmetros, também manteriam uma construção fundamentalmente imaginária –, mas pela lógica do não-todo: que indica uma relação singular com a função fálica² e com o gozo³ (Lacan, 1972-1973/1985). O feminino passa, assim, a ser concebido como uma posição subjetiva que resiste à totalização e que comporta uma dimensão não inteiramente capturável pela linguagem.

¹ Na perspectiva lacaniana, o registro do Imaginário diz respeito ao campo das imagens e identificações que sustentam a experiência do eu e a relação do sujeito com o próprio corpo. A lógica imaginária refere-se ao funcionamento desse registro, no qual a imagem corporal ocupa lugar privilegiado na constituição da identidade. Alterações corporais significativas podem, portanto, repercutir nas identificações construídas pelo sujeito, produzindo efeitos sobre a forma como ele percebe a si mesmo e sua posição diante dos outros (Lacan, 1998; Lacan, 1985).

² A função fálica não se refere ao órgão anatômico, mas à função simbólica que organiza a entrada do sujeito na linguagem e no campo do desejo. Nas fórmulas da sexuação, ela opera como princípio lógico de inscrição do sujeito na ordem simbólica, não coincidindo com o sexo biológico nem com identidades de gênero específicas (Lacan, 1998; Lacan, 1985; Faria, 2025).

³ Em Lacan, o gozo designa uma forma de satisfação que ultrapassa o princípio do prazer e não se confunde com o prazer consciente. Ao formular a sexuação, o autor propõe que a posição feminina não se reduz inteiramente à lógica fálica, admitindo a existência de um gozo suplementar, não totalmente apreensível pela linguagem. Tal formulação permite pensar a feminilidade para além de referências identitárias ou biológicas (Lacan, 1985; Faria, 2025).

Assim sendo, a fim de avançarmos, torna-se necessário distinguir as categorias de mulher, gênero e feminino, uma vez que sua sobreposição tende a produzir equívocos teóricos. Nesse sentido, entendemos que climatério e mulher não são termos que necessariamente caminham juntos. Em primeiro lugar, por razões ligadas ao campo dos estudos de gênero. Conforme argumenta Butler (2022), o gênero não constitui uma expressão natural ou necessária do sexo biológico, mas um efeito de práticas discursivas, normas sociais e atos performativos reiterados ao longo do tempo. Assim, a categoria mulher não pode ser reduzida à experiência corporal associada à reprodução. Desse modo, nem todas as mulheres vivenciarão o climatério, como é o caso, por exemplo, de mulheres trans, o que impede que essa experiência seja tomada como elemento universal da condição feminina.

Em segundo lugar, a distinção também se impõe a partir da própria psicanálise. Desde Lacan, o feminino não se confunde nem com a anatomia nem com as identidades de gênero, referindo-se antes a uma posição de sexuação. Nesse contexto, o que se denomina feminino diz respeito a uma forma específica de relação com a função fálica, caracterizada pela lógica do não-todo, isto é, pela impossibilidade de uma inscrição integral do sujeito na ordem fálica e pela abertura a uma modalidade de gozo que excede a lógica universalizante do significante (Lacan, 1972-1973/1985). Nessa perspectiva, ao investigarmos as relações entre climatério e feminino, não estamos afirmando que essa experiência diz respeito a todas as mulheres de maneira homogênea. Interessa-nos, antes, compreender de que modo determinadas mulheres podem vivenciar as transformações do climatério a partir de uma posição subjetiva marcada por essa lógica não-toda, na qual a feminilidade não se reduz aos ideais de maternidade, juventude ou completude tradicionalmente – devido as assertivas inauguradas por Freud ((1924/2011; 1925/2011; 1931/2010; 1933/2010)) – associados ao feminino.

Assim, toma-se a lógica do não-todo como operador teórico privilegiado para a presente análise, partindo da hipótese de que essa perspectiva pode contribuir para uma compreensão mais ampla da experiência do climatério. Hipotetiza-se que as transformações corporais e simbólicas próprias desse período (Kehl, 2008; Perrot, 2007) podem fragilizar identificações imaginárias sustentadas por ideais de juventude, beleza ou maternidade, colocando algumas mulheres diante de um encontro os limites das referências que anteriormente organizavam sua experiência e, por consequência, em confronto com falta. Em termos freudianos, esse processo pode envolver importantes trabalhos de luto e reorganizações libidinais (Freud, 1917/2010; Freud, 1931/2010). Já sob uma perspectiva lacaniana, ele pode ser compreendido como uma ocasião privilegiada para o reposicionamento subjetivo e para a emergência de novas formas de relação com o gozo (Lacan, 1972-1973/1985; Lacan, 1958/1998).

Além disso, a experiência do climatério não se produz isoladamente, mas em constante interlocução com os discursos sociais e culturais sobre a feminilidade. Como destaca Kehl (2008), o valor social atribuído ao corpo feminino permanece fortemente associado à juventude e à capacidade reprodutiva, o que

pode intensificar vivências de perda e desvalorização durante essa etapa da vida. Contudo, tais transformações também podem abrir espaço para novos arranjos subjetivos, menos dependentes de ideais normativos e mais orientados pela singularidade da experiência de cada mulher.

Diante dessas considerações, emerge o seguinte problema de pesquisa: como compreender as reconfigurações da feminilidade no climatério a partir das contribuições da psicanálise, especialmente das formulações freudianas sobre a feminilidade e das elaborações lacanianas acerca da sexuação e da lógica do não-todo? Em que medida essa experiência pode ser compreendida como implicando rearranjos identificatórios, deslocamentos dos ideais narcísicos e reposicionamentos subjetivos diante do real do corpo?

Com base nessas questões, o presente artigo tem como objetivo geral analisar as reconfigurações da feminilidade no climatério à luz da psicanálise, articulando as contribuições de Freud e Lacan, especialmente a teoria da sexuação e a lógica do não-todo, em diálogo com um estudo de caso, a fim de compreender de que modo essa experiência pode implicar não apenas perdas e descontinuidades, mas também em (re)arranjos identificatórios e (re)arranjos das posições subjetivas diante do real do corpo. Assim, elencam-se os seguintes objetivos específicos: Objetivos específicos: 1) apresentar as contribuições de Freud e Lacan para a compreensão psicanalítica da feminilidade; 2) investigar de que modo o climatério pode tensionar identificações e ideais tradicionalmente associados à feminilidade; Analisar, a partir de um estudo de caso, os efeitos subjetivos produzidos pelo climatério na relação o corpo, com seus ideais narcísicos e com sua posição subjetiva; 3) compreender as possibilidades de rearranjos identificatórios e de reposicionamento subjetivo diante do real⁴ do corpo na experiência climatérica.

A relevância desta investigação reside, em primeiro lugar, na possibilidade de ampliar a compreensão psicológica e clínica do climatério para além dos referenciais biomédicos tradicionalmente predominantes (Showalter, 1987), os quais tendem a reduzir essa experiência às suas determinações orgânicas. Tal deslocamento não se limita a uma mudança de enfoque teórico, mas inscreve-se também em uma dimensão ético-política, na medida em que tensiona discursos historicamente marcados pela patologização e pela naturalização das experiências femininas, contribuindo para a afirmação de outros modos de inteligibilidade do feminino. Nesse sentido, ao recusar a redução da feminilidade a um dado biológico, o estudo se alinha a uma tradição crítica (Butler, 1990) que, no campo dos estudos de gênero e da saúde mental, vem reivindicando a complexidade das experiências corporais femininas como fenômenos atravessados por linguagem, cultura e história.

⁴ Na perspectiva lacaniana, o Real é um dos três registros que estruturam a experiência subjetiva. Não corresponde à realidade objetiva, mas àquilo que escapa à simbolização e não pode ser totalmente capturado pela linguagem ou pelas identificações imaginárias. Em situações de mudança ou ruptura, o sujeito pode ser confrontado com aspectos de sua experiência que excedem os sentidos previamente estabelecidos, evidenciando a dimensão do Real (Lacan, 1988; Lacan, 1985; Faria, 2025).

Ao privilegiar uma leitura centrada na subjetividade, o presente trabalho busca contribuir para o refinamento da escuta clínica de mulheres que atravessam o climatério, reconhecendo a singularidade das formas de vivenciar essa experiência sem subsumi-las a modelos universais ou normativos. Trata-se, portanto, de sustentar uma abordagem que não pretende explicar ou predizer o fenômeno em sua totalidade, mas interrogar suas manifestações a partir do encontro entre a clínica e a teoria psicanalítica, especialmente no diálogo entre Freud e Lacan. Esse movimento permite, ainda, o aprofundamento das discussões teóricas acerca da feminilidade na contemporaneidade, compreendida não como essência, mas como construção atravessada por múltiplas determinações simbólicas e inconscientes.

Ademais, embora existam importantes produções sobre climatério e saúde mental, ainda são relativamente escassos os estudos que articulam essa temática às formulações lacanianas sobre a sexuação e a lógica do não-todo em interlocução com a clínica, o que reforça a pertinência e a atualidade da presente investigação (Cossi, 2024; Lacan, 1972-1973/1985). Ademais, o trabalho tem a preocupação ética de situar-se no campo de uma leitura psicanalítica que, ao mesmo tempo em que se apoia em seus referenciais teóricos, busca manter-se sensível à complexidade do fenômeno, evitando qualquer pretensão de totalização explicativa e preservando a abertura própria necessária à escuta clínica e à pesquisa científica.

1.1 A CONSTITUIÇÃO DA FEMINILIDADE NA PSICANÁLISE

A questão da feminilidade ocupa lugar central na obra de Freud, ainda que atravessada por impasses teóricos e reformulações ao longo de sua produção. Ao investigar a sexualidade feminina, o autor evidencia que o desenvolvimento psicosexual da menina não pode ser compreendido como semelhante ao modelo masculino, mas envolve um desfecho do percurso que é singular, marcado por deslocamentos libidinais, rearranjos identificatórios e pela complexa articulação com a diferença sexual (Freud, 1905/2016). Nesse contexto, a noção de castração adquire estatuto estruturante, na medida em que organiza a forma como a diferença sexual é simbolizada e incorporada por cada um, a partir do confronto com a diferença sexual.

Para o pai da psicanálise, o confronto com a diferença sexual refere-se ao processo pelo qual a criança se depara com a distinção entre os sexos e a interpreta a partir de suas teorias sexuais infantis, nas quais a diferença é inicialmente significada em torno da presença ou ausência do pênis. Tal experiência não se reduz a uma percepção anatômica, mas adquire valor psíquico estruturante ao ser articulada à lógica da castração, entendida como operador central na constituição do desejo e das identificações. Nesse sentido, a diferença sexual não é dada de forma natural, mas construída no campo psíquico, produzindo efeitos na organização da sexualidade infantil e na posição subjetiva que se estabelece no percurso edípico (Freud, 1905/2016; 1908; 1925/2011).

Nesse sentido, tanto a masculinidade quanto a feminilidade não podem ser reduzidas a uma condição natural ou biológica, mas como posições emergentes no interior de uma economia psíquica e

marcada pelos efeitos dessa inscrição na constituição do desejo. Na teoria freudiana, o complexo de Édipo e a organização do desejo são estruturados a partir da lógica da presença ou ausência do pênis, que adquire valor central na constituição psíquica da diferença sexual. Nesse contexto, a criança interpreta inicialmente a diferença entre os sexos em termos de *ter* ou *não ter* o pênis, sendo essa distinção posteriormente articulada à problemática da castração. Para Freud, no caso do menino, o complexo de castração se manifesta sob a forma da angústia de perder o pênis, o que contribui decisivamente para a dissolução do Édipo e para a internalização da autoridade paterna como instância interditora do desejo (Freud, 1924/2011). Já no caso da menina, a percepção da ausência do pênis é interpretada como uma falta efetiva, que se traduz na chamada “inveja do pênis”, elemento que marca sua entrada no complexo de Édipo e orienta suas escolhas objetais e identificatórias (Freud, 1925/2011; 1933/2010). Assim, a diferença sexual, em Freud, não se limita a uma constatação anatômica, mas organiza simbolicamente o desenvolvimento do Édipo, o destino das identificações e a constituição do desejo a partir da lógica da castração.

Nesse sentido, a chamada “inveja do pênis” deve ser compreendida não como uma reivindicação literal de um órgão, mas como um operador lógico que evidencia a entrada do sujeito na problemática da castração e suas consequências para a constituição das identificações e do desejo (Freud, 1933/2010). No desenvolvimento teórico freudiano, a menina, ao se deparar com a diferença sexual, atribui a essa assimetria um valor de falta, o que reorganiza sua posição subjetiva e seus investimentos libidinais. A partir dessa experiência, Freud descreve uma série de deslocamentos possíveis, nos quais o pênis, enquanto objeto privilegiado no campo da fantasia, pode ser simbolicamente substituído por outros investimentos.

Entre esses deslocamentos, destaca-se a maternidade como uma das principais formas de articulação simbólica dessa lógica, na medida em que o desejo de ter um filho pode operar como equivalência fantasmática ao valor fálico atribuído ao pênis. Além disso, tal dinâmica pode se expressar em investimentos narcísicos e na busca por reconhecimento amoroso no campo das relações, nos quais o amor do objeto assume a função de mediação frente à falta estruturante (Freud, 1931/2010; 1933/2010). Desse modo, a chamada inveja do pênis não se reduz a uma carência anatômica, mas indica um conjunto de rearranjos psíquicos que envolvem deslocamentos do desejo, reconfigurações identificatórias e tentativas de simbolização da castração.

No percurso descrito por Freud, a constituição da sexualidade feminina envolve inicialmente o vínculo com a mãe como objeto de investimento libidinal, seguido por deslocamentos identificatórios que se articulam à travessia do complexo de Édipo e à reorganização da economia pulsional (Freud, 1905/2016). Esses movimentos se estruturam a partir da lógica da falta, de modo que a feminilidade não se apresenta como posição fixa, mas como um processo dinâmico atravessado por perdas, substituições e deslocamentos do objeto. Nesse contexto, a experiência feminina pode ser compreendida como marcada por uma insatisfação estrutural, na qual nenhum objeto se apresenta como plenamente saturador do desejo.

A feminilidade, assim, desde as teorizações freudianas, não se organiza como essência ou identidade fixa, mas como efeito de deslocamentos sucessivos na economia libidinal, nos quais os objetos de investimento se reconfiguram ao longo do percurso psicosssexual. Esse processo implica perdas, substituições e reorganizações, que não devem ser compreendidas em termos deficitários, mas como condições estruturais da constituição do desejo (Freud, 1905/2016; 1933/2010).

Contudo, é possível sustentar que a leitura freudiana do complexo de Édipo permanece atravessada por uma certa predominância do registro imaginário (Lacan 1998; Lacan 1985), na medida em que tende a organizar a experiência infantil em torno da presença ou ausência do pênis como elemento central da diferença sexual. Jacques Lacan (1954-1955/1985), ao retomar essa problemática, propõe uma depuração dessa dimensão imaginária, recolocando o Édipo no registro simbólico. Nesse deslocamento, o que está em jogo não é a posse ou não de um órgão anatômico, mas a referência ao falo como significante da falta e operador da estrutura do desejo. O falo, nesse sentido, não designa um órgão nem um atributo empírico, mas uma função simbólica ligada ao lugar do significante que organiza as relações do sujeito com o desejo, a lei e a alteridade (Lacan, 1958/1998). Assim, tanto meninos quanto meninas — e, de modo mais amplo, qualquer sujeito em posição de *falasser*⁵, independentemente das formas de identificação de gênero — não se orientam pela busca de um órgão, mas pela relação com o falo, que pode ser investido de múltiplas formas imaginárias e simbólicas ao longo da constituição subjetiva.

Nesse contexto, a leitura lacaniana permite deslocar as cristalizações imaginárias que associam diretamente masculinidade à presença do pênis e feminilidade à sua ausência, recolocando essas posições como efeitos de uma lógica estrutural e não como destinos naturais ou biológicos. Tais contribuições foram demarcadas por célebres trabalhos do campo, como Rossi (2024) e Farias (2025). Ainda, tal deslocamento produzido por Lacan também permite aproximar-se das críticas formuladas por Judith Butler, que questiona a naturalização da diferença sexual e a fixação de identidades de gênero a partir de bases anatômicas ou essencializantes. Para Butler (2022), o gênero não é expressão de uma interioridade estável, mas efeito de práticas reiterativas e normativas que produzem a ilusão de coerência entre sexo, gênero e desejo, de modo que as categorias de masculino e feminino são historicamente constituídas e não derivadas de uma essência natural.

Além disso, a proposta lacaniana oferece a possibilidade de historicizar os próprios ideais que sustentam o que, em cada época, é investido como “fálico”. Isso implica reconhecer que o falo, enquanto

⁵O termo *falasser* foi introduzido por Lacan para designar o sujeito enquanto ser afetado pela linguagem. Diferentemente das concepções que definem o sujeito a partir de características biológicas ou identitárias, o *falasser* refere-se ao ser que fala e que é falado pelos significantes, encontrando-se estruturalmente marcado pela linguagem, pelo desejo e pelo gozo. A noção permite enfatizar que as posições de sexuação não derivam diretamente da anatomia ou das identidades de gênero, mas da relação singular de cada sujeito com a linguagem e com o gozo (Lacan, 1972-1973/1985; Lacan, 1985).

significante, pode ser encarnado em diferentes objetos e valores socialmente produzidos, variando conforme os discursos e os ideais culturais de cada contexto histórico. Nesse sentido, o lugar atribuído ao homem na sociedade vitoriana, fortemente associado à autoridade, à racionalidade e à potência simbólica (Showalter, 1987; Perrot, 2007), contribui para a leitura freudiana que privilegia o pênis como referência privilegiada da diferença sexual. Tal leitura pode ser compreendida como situada historicamente, marcada pelas coordenadas simbólicas de sua época, o que limita uma apreensão estritamente estrutural da questão. A partir de Lacan, torna-se possível reinscrever essa diferença não em termos de presença ou ausência de um órgão, mas como modos de inscrição na lógica fálica, a qual pode ser formalizada posteriormente pela distinção entre posições todo-fálicas e não-todas-fálicas, abrindo espaço para compreender a diferença sexual como efeito de estrutura e não como dado natural.

Destarte, Lacan (1972–1973/1985) retoma a problemática da diferença sexual ao deslocá-la do registro anatômico para o campo da linguagem, entendida como estrutura simbólica que precede e constitui o sujeito. Nesse enquadre, não se trata de propriedades biológicas, mas da forma como o sujeito se inscreve na ordem significante e se posiciona em relação ao falo, enquanto significante privilegiado que organiza o campo do desejo e da falta (Lacan, 1972–1973/1985). A função fálica, nesse sentido, não designa um atributo empírico, mas uma operação simbólica que regula a relação do sujeito com o gozo⁶ e com o Outro⁷, sendo mediada pela linguagem.

A partir das fórmulas da sexuação, Lacan (1972–1973/1985) formaliza duas modalidades lógicas de inscrição nessa função. A posição “toda fálica” refere-se à inscrição integral do sujeito na função fálica, isto é, à sua completa submissão à lógica do significante fálico como organizador do gozo e do desejo. Já a posição “não-toda fálica” indica uma inscrição não integral nessa lógica, na medida em que, embora o sujeito esteja submetido à função fálica, não se reduz inteiramente a ela, permanecendo uma dimensão de gozo que escapa à sua totalização simbólica. Nesse sentido, o “não-todo” não significa ausência de relação com o falo, mas uma forma de inscrição que não se esgota na lógica fálica, abrindo espaço para uma experiência do gozo que excede a formalização significante.

Essa formulação permite conceber o feminino não como identidade, mas como posição estrutural marcada por uma relação singular com o gozo. O chamado gozo feminino não se reduz ao gozo fálico, implicando uma dimensão suplementar que escapa à completa simbolização e aponta para o registro do

⁶ Em Lacan, o gozo não se confunde com prazer, satisfação consciente ou experiência sexual. O conceito designa uma modalidade de satisfação que excede o princípio do prazer e que se encontra vinculada à linguagem e ao desejo. Trata-se de uma dimensão fundamental da experiência subjetiva, cuja regulação é mediada pela função fálica e pela inserção do sujeito na ordem simbólica (Lacan, 1972-1973/1985; Lacan, 1998).

⁷ Na teoria lacaniana, o Outro (grafado com inicial maiúscula) não corresponde a uma pessoa específica, mas ao lugar da linguagem, da lei e dos significantes que precedem o sujeito e tornam possível sua constituição psíquica. É em relação ao Outro que o sujeito se inscreve no campo simbólico, constrói suas identificações e formula suas demandas e desejos (Lacan, 1988; Lacan, 1998).

real, entendido como aquilo que resiste à captura pelo significante (Lacan, 1972–1973/1985). Trata-se, portanto, de uma torção teórica que desloca o feminino de qualquer perspectiva normativa ou essencializante.

A releitura lacaniana da máxima freudiana “a anatomia é destino” implica não sua negação, mas sua reinterpretação: o destino do sujeito não decorre da anatomia enquanto dado natural, mas da forma como esta é inscrita na linguagem e na ordem simbólica (Lacan, 1972–1973/1985). Nesse sentido, a diferença sexual é compreendida como efeito de significação, e não como determinação biológica direta, o que abre espaço para sua leitura como construção discursiva..

1.2 CLIMATÉRIO, OS IDEAIS SOCIAIS E PARTICULARES E AS POSSÍVEIS (RE)CONFIGURAÇÕES EM FACE AO REAL

O climatério corresponde à transição entre a fase reprodutiva e a não reprodutiva da vida feminina, sendo tradicionalmente compreendido pelo campo biomédico a partir das alterações hormonais decorrentes do declínio progressivo da função ovariana e da menopausa. Nessa perspectiva, o fenômeno costuma ser descrito em função de mudanças fisiológicas como irregularidades menstruais, fogachos, sudorese noturna, alterações do sono, diminuição da lubrificação vaginal, mudanças na composição corporal e redução da densidade óssea. Durante muito tempo, essa abordagem predominou nos estudos sobre o tema, privilegiando a compreensão do climatério como um evento biológico associado ao envelhecimento feminino e à perda da capacidade reprodutiva. Embora tal enfoque seja relevante para a compreensão dos aspectos orgânicos envolvidos, tem sido progressivamente questionado por diferentes áreas do conhecimento, que apontam a insuficiência de uma leitura exclusivamente biológica para abarcar a complexidade da experiência vivida pelas mulheres nesse período (Showalter, 1987).

Em contraposição a essa perspectiva, abordagens psicossociais e estudos de gênero têm destacado que a experiência do climatério é atravessada por fatores históricos, culturais e subjetivos que conferem sentidos singulares às transformações corporais (Butler, 1990; Perrot, 2007). Além das mudanças fisiológicas, esse período frequentemente coincide com importantes transições associadas à meia-idade e à vida adulta tardia, como alterações nas relações conjugais e familiares, saída dos filhos da residência parental, mudanças profissionais, envelhecimento de familiares e maior proximidade com questões relacionadas à finitude. Soma-se a isso a incidência de ideais sociais que frequentemente associam a feminilidade à juventude, à beleza e à capacidade reprodutiva, fazendo com que as mudanças corporais do climatério possam adquirir significados que ultrapassam sua dimensão orgânica (Perrot, 2007; Kehl, 2008). Nessa direção, o climatério tem sido cada vez mais compreendido como um fenômeno biopsicossocial complexo, no qual processos biológicos, condições socioculturais e trajetórias subjetivas se articulam, produzindo diferentes modos de vivência e elaboração dessa etapa da vida (Butler, 1990; Kehl, 2008).

Quando se articulam reflexões sobre o climatério a partir da perspectiva psicanalítica, as transformações corporais e a suspensão da função reprodutiva podem vir a serem compreendidas como experiências que reativam a lógica da castração e da perda na economia psíquica de algumas mulheres. Isso ocorre não apenas pelo que efetivamente se modifica no corpo, mas pela forma como essas mudanças incidem sobre os sistemas de identificação e sobre os ideais que organizam a experiência de feminilidade.

Do ponto de vista psíquico, a noção de perda não se restringe àquilo que efetivamente se teve e se perdeu, mas também pode se referir àquilo que nunca se teve, mas que, ao ser investido simbolicamente, passa a operar como referência de falta (Lacan, 1988). Nesse sentido, determinadas vivências do climatério podem ser sentidas como uma espécie de “presença da ausência”, isto é, como a emergência de algo que se torna perceptível justamente no momento em que deixa de estar disponível como possibilidade ou como horizonte de inscrição subjetiva. A função reprodutiva, por exemplo, pode adquirir estatuto simbólico não apenas como capacidade biológica, mas como significante articulado a ideais de feminilidade.

O que será vivido como perda, portanto, não depende exclusivamente do evento biológico em si, mas da rede de significações que cada falasser construiu sobre si. Essa rede envolve tanto a singularidade das identificações de cada mulher quanto os referenciais culturais compartilhados que definem determinados ideais de feminilidade. Em muitas formações sociais, a maternidade ocupa um lugar central na legitimação simbólica do feminino, funcionando como um operador importante na construção de valor social e reconhecimento (Perrot, 2007; Butler, 1990). Nesse contexto, a impossibilidade da maternidade ou sua suspensão pode ser vivida como uma perda não apenas da função reprodutiva, mas de um lugar simbólico previamente investido, o que intensifica os efeitos psíquicos associados à falta e à reorganização identificatória.

Nesse sentido, os ideais sociais e culturais exercem um papel relevante na constituição das formas pelas quais o sujeito constrói significações sobre si, na medida em que oferecem repertórios simbólicos disponíveis para a elaboração da identidade e da posição subjetiva. Esses ideais sociais podem operar de modo cristalizado para algumas mulheres ao funcionar como signos rígidos de reconhecimento, nos quais a consistência dos seus eus passa a depender da identificação com determinados atributos socialmente valorizados. Nesses casos, a manutenção da coesão narcísica pode se apoiar na equivalência entre “ser alguém” e “corresponder a tais ideais”, de modo que a perda ou o afastamento desses referenciais pode ser vivida como uma ruptura na continuidade da imagem de si, produzindo efeitos de desorganização e fragilização narcísica.

No campo da feminilidade, tais ideais assumem formas historicamente situadas, frequentemente articuladas a significantes como maternidade, juventude, beleza e capacidade de cuidado (Perrot, 2007; Kehl, 2008), os quais podem funcionar como eixos de reconhecimento social do que é ser mulher em determinados contextos culturais. Isso implica que o lugar do feminino no social participa ativamente da

constituição das referências a partir das quais cada sujeito elabora sua própria experiência de si como mulher. No entanto, essa incidência não deve ser compreendida como determinação direta ou linear, uma vez que a psicanálise enfatiza que a forma como cada sujeito se apropria desses significantes é sempre singular (Lacan, 1954–1955/1985). Assim, embora os ideais sociais ofereçam um campo simbólico compartilhado, é na articulação particular de cada sujeito com esses elementos que se produzem as modalidades próprias de identificação e significação de si.

Cabe destacar, contudo, que na perspectiva lacaniana, não existe um significante capaz de definir integralmente o sujeito. Isso porque o sujeito não constitui uma substância ou identidade positiva que preexiste à linguagem, mas emerge precisamente como efeito da articulação significativa. Como afirma Lacan (1960/1998), “um significante representa o sujeito para outro significante” (p. 833), de modo que o sujeito se encontra sempre dividido e deslizando na cadeia simbólica, jamais podendo ser plenamente reduzido a uma definição estável ou totalizante. Nesse sentido, a própria existência do sujeito está vinculada à linguagem, sendo produzida pelos efeitos de sentido decorrentes da articulação entre significantes, sem que nenhum deles possa dizer definitivamente quem ele é (Lacan, 1960/1998; 1964/1988).

Entretanto, se o sujeito escapa a qualquer definição completa, o mesmo não ocorre no plano do eu. Desde o estágio do espelho, Lacan (1949/1998; 1954–1955/1985) demonstra que o eu se constitui a partir de identificações imaginárias organizadas em torno de uma imagem de unidade e coerência. Os ideais desempenham papel fundamental nesse processo, fornecendo referências simbólicas e imaginárias que permitem ao indivíduo construir uma narrativa sobre si mesmo e sustentar certa consistência narcísica. O eu tende, assim, a buscar imagens e significantes privilegiados que possam responder à pergunta sobre quem se é, conferindo estabilidade à experiência subjetiva.

Em face a isto, Lacan (1954–1955/1985; 1955–1956/1988) adverte que essa busca pode produzir impasses identificatórios. Na medida em que o eu se constitui por meio de identificações imaginárias, existe o risco de o sujeito se alienar em determinadas imagens ideais, tomando-as como equivalentes ao seu próprio ser. Quando isso ocorre, uma identificação particular pode assumir um valor excessivamente condensado, como se fosse capaz de responder de maneira definitiva à questão da identidade. Nesses casos, a distância estrutural entre sujeito e identificação tende a ser obscurecida, favorecendo formas de fixação imaginária e desconhecimento de sua própria divisão subjetiva.

É justamente por essa razão que a perda ou o abalo de certos referenciais identificatórios pode produzir efeitos significativos na economia narcísica. Quando uma imagem ideal ou um significante privilegiado deixa de sustentar a consistência imaginária do eu, o sujeito pode experimentar vacilações em suas formas habituais de reconhecimento de si. Não se trata da perda de uma identidade essencial, mas da desestabilização dos suportes imaginários que conferiam unidade à experiência subjetiva. Tais momentos podem exigir novas operações identificatórias e novos modos de elaboração simbólica, evidenciando o

caráter sempre contingente e não definitivo das identificações humanas (Lacan, 1949/1998; 1954–1955/1985; 1964/1988).

Além das dimensões imaginárias e simbólicas envolvidas no climatério, esse fenômeno também convoca a uma reflexão sobre o registro do real. Na perspectiva lacaniana, o real não se confunde com a realidade empírica nem com a materialidade do corpo biológico, mas designa aquilo que resiste à simbolização e que não pode ser integralmente apreendido pela linguagem (Lacan, 1972–1973/1985). Trata-se daquilo que escapa às redes de sentido construídas pelo sujeito, insistindo como um ponto de impossibilidade no interior da experiência.

As transformações corporais que acompanham o climatério podem constituir uma via privilegiada de encontro com essa dimensão não porque remetam a um suposto "corpo real", mas porque confrontam o sujeito com mudanças que frequentemente excedem suas possibilidades de antecipação, domínio ou significação. Ainda que tais mudanças sejam continuamente interpretadas, nomeadas e integradas a narrativas sobre envelhecimento, feminilidade ou saúde, permanece um resto que não se deixa absorver completamente por essas elaborações. Nesse sentido, o climatério pode evidenciar os limites da simbolização, fazendo emergir algo da ordem do real justamente ali onde as significações disponíveis se mostram insuficientes para dar conta da experiência vivida (Lacan, 1972–1973/1985).

Quando determinadas referências identificatórias e ideais narcísicos perdem sua consistência diante dessas transformações, o sujeito pode experimentar angústia, estranhamento ou vacilações em sua imagem de si. Contudo, esse encontro com os limites da simbolização não produz apenas desorganização. Ele pode também inaugurar a possibilidade de rearranjos identificatórios e de formas singulares de subjetivação, menos apoiadas em ideais normativos e mais abertas à contingência própria da experiência subjetiva (Kehl, 2008). Assim, o climatério pode ser compreendido, assim, não apenas como um momento de perda ou declínio, mas como um tempo de inflexão na economia psíquica, no qual as coordenadas da feminilidade são rearticuladas a partir da tensão entre identificações, ideais e aquilo que escapa à significação plena.

A leitura lacaniana da feminilidade oferece ferramentas conceituais importantes para pensar esse processo. Ao formular as fórmulas da sexuação, Lacan desloca a diferença sexual do campo da anatomia para o da lógica e da linguagem, rompendo com perspectivas naturalizantes do feminino. Nesse contexto, a célebre afirmação de que “A mulher não existe” não implica a negação da existência concreta das mulheres, mas aponta para a impossibilidade de reunir o feminino sob um significante universal capaz de representá-lo integralmente (Lacan, 1972–1973/1985).

É nesse sentido que a posição feminina é definida pela lógica do não-todo. Diferentemente da posição masculina, organizada por uma lógica universal sustentada por uma exceção, a posição feminina caracteriza-se por uma inscrição não integral na função fálica. Isso significa que o sujeito situado nessa

posição participa da lógica fálica, mas não se encontra totalmente subsumido a ela, permanecendo uma dimensão que escapa à sua totalização significativa (Lacan, 1972–1973/1985).

Tal formulação permite a Lacan sustentar a hipótese de um gozo suplementar, não inteiramente regulado pela função fálica e não completamente capturável pela linguagem. Trata-se de uma modalidade de gozo que se articula precisamente ao registro do real, entendido como aquilo que resiste à significação. Nessa perspectiva, o climatério pode ser pensado como uma experiência que, em determinadas circunstâncias, coloca o sujeito diante dos limites dos significantes que anteriormente organizavam sua posição subjetiva, convocando-o a produzir novas formas de elaboração frente ao que não encontra representação plena na ordem simbólica (Lacan, 1972–1973/1985).

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo teórico de abordagem qualitativa, fundamentado em revisão bibliográfica de caráter teórico-interpretativo, não sistemática. Diferentemente das revisões sistemáticas, esta abordagem privilegia a análise conceitual e a articulação entre diferentes referenciais teóricos, permitindo a construção de um percurso interpretativo orientado pelo problema de pesquisa, e não pela exaustividade da busca documental (Severino, 2017).

O corpus da pesquisa foi constituído a partir de obras clássicas de Sigmund Freud e Jacques Lacan, bem como de comentadores contemporâneos da psicanálise e da teoria crítica, selecionados com base em sua relevância teórica, incidência no campo psicanalítico e pertinência ao problema investigado. A seleção das obras priorizou textos fundamentais para a compreensão dos conceitos de feminilidade, castração, desejo, gozo e sexualização, articulados à experiência do climatério. O levantamento bibliográfico foi realizado inicialmente em 2024, no contexto da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso que originou a presente investigação, sendo posteriormente revisado e ampliado em março de 2026. Para a composição do corpus, foram consultadas bases de dados acadêmicas e bibliotecas digitais, utilizando descritores como “climatério”, “menopausa”, “feminilidade”, “sexualização”, “gozo feminino”, “feminino em Lacan” e “psicanálise e climatério”.

Foram incluídos textos publicados em português, inglês e francês, priorizando obras amplamente reconhecidas na literatura psicanalítica. A escolha metodológica por uma revisão não sistemática justifica-se pela natureza conceitual do problema de pesquisa, que demanda flexibilidade interpretativa, aprofundamento teórico e articulação entre diferentes tradições de leitura, mais do que a exaustividade documental.

A análise do material seguiu um procedimento hermenêutico-conceitual (Gadamer, 1999), no qual os conceitos são compreendidos em sua historicidade e em sua abertura interpretativa, sendo recolocados em diálogo com a problemática investigada. Nesse sentido, a teoria psicanalítica é tomada não como um

sistema fechado e conclusivo, mas como um campo em constante reinterpretação, no qual os conceitos operam como operadores de leitura da experiência subjetiva.

Do ponto de vista analítico, o percurso foi organizado a partir da articulação entre conceitos centrais da metapsicologia freudiana — como castração, deslocamento libidinal e feminilidade — e os desenvolvimentos lacanianos acerca da linguagem, do falo, do gozo e das fórmulas da sexuação. Em especial, a noção de não-todo foi tomada como operador teórico privilegiado para a leitura das reconfigurações da feminilidade no climatério, em consonância com os objetivos do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão dos resultados será iniciada por meio de uma vinheta clínica, construída a partir de elementos recorrentes na prática psicológica, com dados modificados para garantir o anonimato, em conformidade com os princípios éticos da profissão. Sua utilização fundamenta-se na orientação clínica da psicanálise, que privilegia a singularidade do sujeito e os modos particulares pelos quais cada um responde aos impasses colocados pelo corpo, pelo desejo e pelas identificações.

A partir dos elementos extraídos do caso, serão discutidos os efeitos subjetivos do climatério sobre as identificações e os ideais que sustentam determinadas formas de significação de si, bem como a incidência dos discursos sociais na produção de sentidos acerca da feminilidade. Também serão examinadas as transformações na relação do sujeito com o corpo, especialmente nos pontos em que as referências simbólicas e imaginárias se mostram insuficientes para dar conta da experiência vivida. Por fim, serão exploradas as possibilidades de rearranjos identificatórios, de reposicionamentos subjetivos e de invenções singulares diante das perdas, deslocamentos e impasses suscitados pelo climatério, articulando tais questões às contribuições da teoria laciana da sexuação e da lógica do não-todo para a compreensão da feminilidade.

3.1 VINHETA CLÍNICA

Trata-se de uma mulher de 52 anos, em atendimento psicológico durante o climatério, que relata intenso estranhamento em relação ao próprio corpo, diminuição do interesse sexual e a sensação recorrente de “não se reconhecer mais”⁸. Ao longo de sua trajetória, investiu significativamente em posições associadas à maternidade e ao cuidado com os outros, referências que ocupavam lugar central em suas formas de reconhecimento de si. Com a saída dos filhos de casa e a impossibilidade de uma nova gestação, tais referenciais passam a perder parte de sua consistência, produzindo sentimentos de vazio, desorientação e questionamentos acerca de sua própria identidade.

⁸ Aqui estarão entre aspas todas as frases literais da paciente.

No decorrer do seu acompanhamento, observa-se que as queixas inicialmente atribuídas às transformações corporais articulam-se a elementos mais amplos de sua história subjetiva, especialmente às formas pelas quais construiu seu valor e reconhecimento nas relações que estabeleceu ao longo da vida. O climatério emerge, assim, não apenas como um acontecimento biológico, mas como um momento que tensiona identificações, ideais e modos de significação de si anteriormente estabilizados.

A partir de uma escuta orientada pela psicanálise, torna-se possível situar esse período como um momento de reatualização de questões relacionadas à falta, às perdas e às transformações dos referenciais identificatórios que sustentavam determinados sentidos de si, especialmente aqueles vinculados à maternidade e ao lugar de cuidadora. Nesse contexto, as mudanças corporais próprias do climatério parecem tensionar ideais e significações anteriormente investidos, incidindo sobre a relação da paciente com a imagem corporal e com suas concepções acerca do que significava ser mulher.

Paralelamente, observa-se a emergência de novos interesses e investimentos, como a retomada de atividades criativas anteriormente abandonadas, a ampliação dos vínculos sociais e a construção de projetos até então pouco explorados. Esses movimentos sugerem a abertura para novas formas de investimento libidinal, indicando que as transformações vivenciadas não se restringem a experiências de perda, mas podem também mobilizar processos de elaboração e reposicionamento subjetivo.

3.2 SUBLIMAÇÃO E REINVENÇÃO DO FEMININO

As transformações vivenciadas pela paciente permitem problematizar o climatério não apenas como um período de perdas, mas como um tempo em que os investimentos anteriormente concentrados em determinadas identificações podem ser deslocados e reinscritos. No caso apresentado, a maternidade e o cuidado com os outros pareciam ocupar um lugar privilegiado na organização de suas formas de reconhecimento de si. A saída dos filhos de casa, associada à impossibilidade de uma nova gestação, não produz simplesmente a perda de uma função, mas tensiona ideais e significações por meio dos quais a paciente sustentava sua imagem de mulher e suas formas de reconhecimento de si.

É nesse ponto que a sublimação pode contribuir para a leitura do caso. Em Freud, ela designa um dos destinos possíveis da pulsão, no qual a satisfação se desloca para objetos e atividades que não correspondem diretamente à finalidade sexual imediata (Freud, 1905/2016). A retomada de atividades criativas, a ampliação dos laços sociais e a abertura para projetos antes pouco investidos não devem ser entendidas como compensações lineares pela perda da fertilidade ou pelo esvaziamento do lugar materno. Elas podem ser lidas, antes, como indícios de uma redistribuição dos investimentos libidinais, por meio da qual algo da perda encontra possibilidades singulares de elaboração.

A releitura lacaniana da sublimação permite aprofundar essa hipótese. Ao defini-la como elevação do objeto à dignidade da Coisa, Lacan desloca a sublimação de uma concepção meramente adaptativa e a

situa como operação que circunscreve a falta sem pretender suprimi-la (LACAN, 1960/1998). Nessa direção, as novas atividades e vínculos da paciente não eliminam o vazio associado à fragilização de identificações anteriores; podem, contudo, oferecer suportes contingentes para que ela se reposicione diante daquilo que perdeu e do que permanece impossível de recuperar. A criação, nesse caso, não representa superação definitiva daquilo que é sentido como perda, mas uma forma de fazer algo com ela.

Essa discussão também exige considerar a incidência das transformações corporais. No climatério, as mudanças na imagem corporal, na sexualidade e na função reprodutiva podem abalar referências imaginárias que sustentavam a consistência narcísica da paciente. A fertilidade, por exemplo, não possui um valor unívoco ou naturalmente determinante; ela pode adquirir importância particular quando se articula aos ideais de maternidade, juventude e disponibilidade para o cuidado, socialmente associados ao feminino e singularmente investidos pelo falasser (Perrot, 2007; Kehl, 2008). Assim, o sofrimento não decorre diretamente da cessação da função reprodutiva, mas dos efeitos que essa transformação pode produzir sobre os significantes e identificações que organizavam determinadas formas de reconhecimento de si.

Ao mesmo tempo, a experiência corporal no climatério pode evidenciar os limites das significações até então disponíveis. Não se trata de afirmar que o corpo biológico seja, por si, o real, mas de reconhecer que mudanças corporais imprevisíveis ou pouco controláveis podem confrontar o falasser com algo que não se deixa absorver integralmente pelas narrativas já construídas sobre si, sobre a feminilidade ou sobre o envelhecimento. Quando a imagem corporal e os ideais que a sustentavam vacilam, pode emergir um ponto de estranhamento que exige novas elaborações, sem que seja possível produzir uma simbolização completa da experiência.

Nessa perspectiva, o caso permite discutir como a fragilização de determinadas identificações não implica, necessariamente, uma dissolução subjetiva. Embora possa produzir angústia e fazer emergir um ponto de sem-sentido, no qual as referências anteriormente disponíveis já não oferecem sustentação suficiente, a fragilização dessas identificações pode também convocar o falasser à elaboração de novas significações e a rearranjos em sua posição subjetiva. A lógica lacaniana do não-todo contribui para a leitura do caso ao indicar que a posição feminina não se deixa apreender por uma definição universal ou por um conjunto fechado de atributos. Maternidade, juventude e fertilidade podem ocupar, para determinadas mulheres, o lugar de identificações e ideais fortemente investidos, sem que constituam fundamentos necessários ou suficientes da feminilidade. Desse modo, a fragilização de uma identificação relevante pode produzir sofrimento e exigir trabalho de elaboração, convocando a reposicionamentos diante dos ideais que até então organizava sua relação consigo e com o corpo.

Desse modo, os movimentos observados na paciente — a retomada de atividades criativas, a ampliação dos vínculos sociais e a abertura para novos projetos — podem ser compreendidos como tentativas singulares de reinscrever sua posição subjetiva diante das transformações do climatério. Não se

trata de substituir um ideal por outro, nem de supor que a elaboração da perda conduza a uma forma mais plena de feminilidade. Trata-se, antes, de acompanhar como, diante da queda parcial de referências anteriormente privilegiadas, em que o falasser pode encontrar modos próprios de sustentar seus investimentos, produzir novos arranjos identificatórios e inventar respostas singulares diante daquilo que, na experiência, resiste à simbolização e não encontra uma garantia no campo do Outro.

3.3 O CORPO NO CLIMATÉRIO: ENTRE O IMAGINÁRIO, O SIMBÓLICO E O REAL

No climatério, as transformações corporais podem incidir de modo significativo sobre a imagem por meio da qual a mulher se reconhecia. No caso discutido, as mudanças relativas à pele, ao metabolismo, à sexualidade e à função reprodutiva não aparecem apenas como dados orgânicos, mas adquirem relevância na medida em que tensionam referências imaginárias e ideais que sustentavam determinadas formas de reconhecimento de si. O estranhamento relatado pela paciente pode, nessa direção, ser compreendido como efeito da vacilação entre a imagem corporal anteriormente investida e as mudanças que passam a se impor em sua experiência.

Essa vacilação não indica que haveria, antes, uma unidade subjetiva plenamente consolidada e, depois, sua simples ruptura. A imagem do corpo, tal como formulada por Lacan, constitui uma construção precária porque não corresponde a uma unidade naturalmente dada ou definitivamente adquirida pelo sujeito. Ela se sustenta na identificação com uma imagem de totalidade, produzida no registro imaginário e continuamente apoiada por investimentos narcísicos e por referências simbólicas que podem se modificar ou vacilar ao longo da vida (Lacan, 1949/1998). O climatério pode tornar essa precariedade mais evidente quando transformações corporais incidem sobre marcas que, para determinado sujeito, estavam associadas à juventude, à fertilidade, à sexualidade ou à própria possibilidade de se reconhecer como mulher.

Entretanto, a discussão não se limita aos efeitos sobre a imagem corporal. Algumas experiências próprias do climatério — como ondas de calor, alterações do sono, mudanças na resposta sexual ou oscilações corporais pouco previsíveis (Brasil, 2008; FEBRASGO, 2019) — podem confrontar o sujeito com aspectos da experiência que não encontram, de imediato, significações capazes de organizá-los. Não se trata de afirmar que tais manifestações constituam, em si mesmas, o real, nem de identificar o real à materialidade do organismo. Elas podem, contudo, colocar em evidência um limite das narrativas e dos sentidos até então disponíveis para o sujeito, fazendo emergir algo que resiste à simbolização plena (Lacan, 1972–1973/1985).

Nesse ponto, o climatério pode ser lido como uma experiência em que as coordenadas simbólicas e imaginárias anteriormente mobilizadas para sustentar a relação com o corpo podem se mostrar parcialmente insuficientes. A insuficiência dessas referências pode vir a produzir angústia, sobretudo quando o sujeito se vê diante de mudanças que não controla nem consegue integrar prontamente à imagem que construiu de si.

Ao mesmo tempo, esse intervalo entre o que se transforma no corpo e os sentidos já disponíveis pode convocar novas elaborações e rearranjos identificatórios. Contudo, não se trata de recobrir integralmente a experiência com novos significados, mas de construir modos singulares de se situar diante das transformações e, inclusive, em face aos pontos que podem vir a permanecer resistentes à simbolização.

3.4 FEMINILIDADE, DISCURSO SOCIAL E IDEAIS CONTEMPORÂNEOS

A experiência do climatério não se produz fora dos discursos que, em determinados contextos históricos e culturais, organizam os ideais de feminilidade. No caso discutido, a centralidade atribuída à maternidade e ao cuidado não pode ser compreendida apenas como uma escolha individual, pois se articula a significantes socialmente disponíveis que frequentemente vinculam o valor das mulheres à capacidade de cuidar, à fertilidade, à juventude e à manutenção de uma imagem corporal desejável (Butler, 2003). Essa articulação não determina, de modo direto, a experiência da paciente, mas contribui para compreender por que a saída dos filhos de casa e a impossibilidade de uma nova gestação incidem de maneira relevante sobre suas formas de reconhecimento de si.

Na contemporaneidade, os imperativos de juventude, desempenho, produtividade e adequação estética tendem a intensificar a vigilância sobre o corpo, particularmente sobre os corpos femininos (Birmar, 2001). Nessa direção, o envelhecimento e as transformações associadas ao climatério podem adquirir, para algumas mulheres, o sentido de perda, inadequação ou diminuição de valor, sobretudo quando a imagem corporal jovem e a fertilidade ocupam lugar central entre os ideais por meio dos quais se reconhecem. Como assinala Kehl (2008), a feminilidade é atravessada por valores culturais que incidem sobre o corpo e sobre as formas socialmente legitimadas de visibilidade feminina.

A adesão a tais ideais, contudo, não deve ser lida como submissão passiva, nem como expressão de um desejo natural ou universal de corresponder a determinado padrão. Em uma cultura que associa juventude, beleza e adequação estética à desejabilidade, à aceitação e à visibilidade, aproximar-se dessas imagens pode constituir uma tentativa de obter reconhecimento e pertencimento no laço social. Wolf (1992) evidencia como os padrões de beleza vinculam a aparência feminina a formas de validação social; Bordo (2003), por sua vez, mostra que o corpo pode tornar-se um campo privilegiado de regulação e avaliação de si. Em termos psicanalíticos, esses ideais podem adquirir força particular quando se articulam aos investimentos narcísicos e às identificações do sujeito, oferecendo uma imagem a partir da qual ele busca reconhecer-se como desejável, valorizável ou legítimo.

A teoria dos discursos permite situar tais imperativos não como opiniões isoladas, mas como formas de laço social que organizam posições, objetos de valor e modalidades de gozo. A formulação lacaniana do discurso do capitalista contribui para pensar uma lógica que oferece objetos, técnicas e soluções como promessas de resposta à falta, incentivando a gestão contínua do corpo, da aparência e do desempenho

(Lacan, 1972). Nessa lógica, intervenções estéticas, práticas de autocuidado e discursos sobre bem-estar podem operar tanto como recursos escolhidos singularmente quanto como exigências de adequação. O problema não reside nesses recursos em si, mas na promessa de que seria possível eliminar a falta, deter o tempo ou garantir uma imagem corporal plenamente satisfatória.

O climatério pode tornar mais visível o limite dessas promessas. Quando as transformações corporais não se deixam inteiramente controlar, corrigir ou integrar às imagens previamente valorizadas, podem colocar em crise ideais que antes organizavam a relação do sujeito consigo mesma. No caso em análise, a fragilização das identificações ligadas à maternidade, ao cuidado e à imagem corporal não deve ser tomada como simples fracasso diante de um padrão social. Ela evidencia o modo pelo qual determinados ideais haviam adquirido valor estruturante para a paciente e, por isso, sustentavam parte importante de suas formas de reconhecimento de si. A angústia que daí decorre aponta para a insuficiência dessas referências em recobrir todas as dimensões de sua experiência.

É precisamente nessa insuficiência que podem surgir possibilidades de deslocamento. Não se trata de supor que o sujeito possa se libertar plenamente dos discursos sociais, tampouco de apresentar o climatério como uma experiência automaticamente emancipatória. Trata-se de considerar que a vacilação de ideais anteriormente privilegiados pode convocar rearranjos identificatórios e outros modos de se situar diante do corpo, dos vínculos e dos próprios investimentos. A discussão do climatério permite, assim, sustentar uma leitura crítica dos ideais contemporâneos de feminilidade sem reduzir a experiência de cada mulher à simples reprodução desses ideais, preservando a dimensão singular pela qual cada sujeito responde aos significantes e às exigências que lhe são oferecidos no laço social.

3.5 O TEMPO LÓGICO DO CLIMATÉRIO E A REINSCRIÇÃO DO DESEJO

A experiência do climatério pode ser interrogada não apenas a partir de sua temporalidade cronológica ou de suas transformações orgânicas, mas também pelo modo como determinados acontecimentos passam a incidir sobre a posição subjetiva. Embora a menopausa corresponda à cessação permanente da menstruação, o climatério designa um período mais amplo, atravessado por transformações corporais, psíquicas e socioculturais, cujos efeitos não se restringem ao evento fisiológico em si (World health organization, 1996). A perda da fertilidade, as mudanças na imagem corporal ou a alteração de referências antes associadas à maternidade e ao cuidado não possuem, por si mesmas, um único significado. Elas podem adquirir efeitos distintos conforme os significantes que organizam a história de cada sujeito e o lugar que determinadas identificações ocupavam em sua economia libidinal (Freud, 1914/2010; Lacan, 1949/1998). Nessa direção, o climatério não corresponde automaticamente a uma crise subjetiva; ele pode, contudo, constituir um ponto de inflexão quando transforma referências que sustentavam modos particulares de reconhecimento de si.

A noção lacaniana de tempo lógico oferece uma via para discutir essa inflexão sem reduzir a experiência a uma sucessão cronológica de etapas. Em “*O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*”, Lacan (1945/1998) distingue o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir como tempos lógicos implicados na produção de uma resposta do sujeito. Não se trata, portanto, de aplicar esses momentos como um roteiro universal do climatério, mas de reconhecer que determinadas transformações podem inicialmente irromper como algo que desorganiza as significações disponíveis; podem, em seguida, exigir um tempo de elaboração; e, eventualmente, conduzir a uma tomada de posição singular diante do que não encontra solução previamente dada (Lacan, 1945/1998).

No caso apresentado, a saída dos filhos de casa e a impossibilidade de uma nova gestação parecem incidir sobre identificações fortemente investidas, sobretudo aquelas relacionadas à maternidade e ao cuidado. O que se coloca não é a perda de uma identidade fixa, mas a vacilação de referências que ofereciam certa consistência à imagem de si e orientavam seus investimentos. A imagem corporal e as identificações que sustentam o eu não constituem uma unidade naturalmente assegurada, mas uma construção dependente de investimentos narcísicos e de referências simbólicas que podem se modificar ao longo da vida (Freud, 1914/2010; Lacan, 1949/1998). O tempo necessário para elaborar essa vacilação não pode ser antecipado nem mensurado pela idade da paciente. Ele depende do modo como ela poderá colocar em palavras aquilo que lhe é sentido como perdas e, assim, interrogar seus ideais que sustentavam sua posição e, paulatinamente, ao longo do processo de análise, produzir novas articulações para aquilo que se apresenta como ruptura.

Nessa perspectiva, a expressão “reinscrição do desejo” deve ser entendida com precisão. Não se trata de supor que o desejo encontre um novo objeto capaz de resolvê-lo, nem que o sujeito escolha livremente uma nova identidade. Na teoria lacaniana, o desejo se sustenta na falta e não se reduz à busca de um objeto que possa completá-lo; os objetos e ideais podem mudar, mas não eliminam a divisão constitutiva do sujeito (Lacan, 1964/1988). A reinscrição diz respeito, portanto, a possíveis deslocamentos na posição do sujeito diante de sua própria falta, do desejo do Outro e dos investimentos que organizavam sua vida. A retomada de atividades criativas e a construção de novos laços, mencionadas na vinheta, podem ser lidas não como substitutos compensatórios da maternidade, mas como formas singulares de investimento que se tornam possíveis quando as referências anteriores deixam de ocupar uma posição exclusiva.

O momento de concluir, nessa leitura, não equivale à aquisição de uma certeza definitiva, à superação integral da perda ou ao alcance de uma identidade mais estável. Em Lacan (1945/1998), ele implica uma antecipação que permite ao sujeito sair da suspensão e assumir uma posição, ainda que sem garantias plenas. Sua aproximação com a dimensão do ato permite pensar que uma conclusão subjetiva produz efeitos sobre os laços, os investimentos e os modos de se situar diante da experiência, sem que isso

elimine a falta ou encerre o trabalho de elaboração. Assim, no climatério, um reposicionamento não deve ser entendido como adaptação a uma nova fase da vida, mas como uma resposta singular diante da vacilação dos ideais e das identificações anteriormente privilegiados.

O climatério pode, assim, constituir uma ocasião em que o sujeito se vê convocado a responder ao enfraquecimento de determinadas garantias imaginárias e simbólicas. Essa resposta não elimina a perda nem oferece uma nova estabilidade definitiva. Ela pode implicar, entretanto, rearranjos identificatórios, deslocamentos nos investimentos libidinais e outros modos de sustentar os laços e a posição de sujeito desejante (Freud, 1917/2010; Lacan, 1964/1988). Pensá-lo sob a perspectiva do tempo lógico permite afastar-se tanto de uma leitura exclusivamente biológica quanto de uma narrativa linear de superação. O tempo cronológico delimita acontecimentos corporais e sociais relevantes, mas não determina o tempo necessário para que cada sujeito produza uma resposta diante deles; esse tempo é singular, descontínuo e não inteiramente previsível (Lacan, 1945/1998).

3.6 GOZO FEMININO E LIMITE DA SIMBOLIZAÇÃO NO CLIMATÉRIO

A discussão sobre o climatério exige que as transformações corporais e os sofrimentos eventualmente associados a esse período não sejam reduzidos à noção psicanalítica de gozo. Sintomas físicos, alterações do sono, mudanças na resposta sexual, angústias relativas ao envelhecimento ou efeitos decorrentes de condições sociais e relacionais demandam escuta clínica singular e, quando necessário, acompanhamento em saúde. A categoria de gozo não substitui tais dimensões; ela oferece, antes, um operador para interrogar o que, em determinada experiência, excede a busca de bem-estar, não se deixa ordenar inteiramente pelo princípio do prazer e insiste para além das explicações disponíveis (Lacan, 1972–1973/1985).

Na elaboração lacaniana, o gozo designa uma satisfação paradoxal, situada para além do princípio do prazer e frequentemente articulada a experiências de excesso, repetição ou mal-estar. Não se confunde, portanto, com prazer, satisfação sexual ou felicidade. Sua incidência se articula à linguagem e à forma singular pela qual cada sujeito se relaciona com a falta, com o corpo e com os significantes que organizam sua história (Lacan, 1972–1973/1985). Essa distinção é relevante para a discussão do climatério porque impede que as mudanças corporais sejam tomadas, de modo automático, como expressão direta de uma modalidade específica de gozo.

É nesse contexto que Lacan formula a possibilidade de um gozo suplementar, associado à lógica do não-todo. Tal formulação não descreve uma essência das mulheres nem corresponde a uma propriedade anatômica ou identitária. O termo “feminino”, nas fórmulas da sexuação, designa uma posição lógica diante da função fálica: uma posição em que o sujeito não se encontra inteiramente inscrito na universalidade fálica. O gozo suplementar não é exterior ao gozo fálico, nem representa uma plenitude alternativa; ele

indica uma dimensão que não se deixa inteiramente apreender pelo significante e que, por isso, não pode ser plenamente dita, conhecida ou convertida em saber sobre si (Lacan, 1972–1973/1985).

A partir dessa formulação, o climatério pode ser discutido como uma experiência que, para algumas mulheres, torna mais visível a insuficiência das referências simbólicas e imaginárias anteriormente mobilizadas para nomear o corpo, a sexualidade, a maternidade, a idade ou a feminilidade. Não se trata de afirmar que o climatério produza ou revele, por si só, um gozo suplementar. Trata-se de considerar que, quando certos ideais e identificações perdem eficácia, pode emergir um ponto da experiência que não encontra representação pronta ou explicação suficiente. Esse ponto pode ser vivido como angústia, estranhamento ou excesso, sem que se confunda imediatamente com o gozo suplementar (Lacan, 1972–1973/1985).

A noção de limite da simbolização permite precisar essa questão. O sujeito pode nomear, narrar e elaborar as transformações que atravessam o climatério, mas nenhuma elaboração esgota completamente aquilo que se experimenta no corpo. O real, nesse sentido, não corresponde ao corpo orgânico em si, mas ao que resiste à inscrição integral na linguagem. A experiência clínica pode sustentar a construção de significantes, narrativas e laços capazes de circunscrever esse ponto, sem supor que ele será definitivamente dominado ou convertido em sentido pleno (Lacan, 1972–1973/1985).

É nesse limite que se pode situar a possibilidade de invenção. Inventar não significa produzir uma solução definitiva para a falta, recuperar uma identidade anterior ou alcançar uma relação plenamente harmoniosa com o corpo. Refere-se à construção singular de modos de nomear a experiência, de deslocar investimentos, de sustentar laços e de encontrar práticas que permitam ao sujeito se situar diante daquilo que não dispõe de garantia simbólica. No caso discutido, a retomada de atividades criativas e a ampliação dos vínculos sociais podem ser compreendidas como possíveis recursos de elaboração e investimento, sem que sejam interpretadas como evidência automática de acesso a um gozo especificamente feminino.

Assim, a contribuição da lógica do não-todo para a discussão do climatério não está em atribuir às mulheres uma forma particular e fixa de gozo. Ela permite, antes, recusar que a feminilidade seja inteiramente explicada pela fertilidade, pela juventude, pela maternidade ou por qualquer ideal socialmente disponível. Ao mesmo tempo, sustenta que há, em toda experiência subjetiva, um ponto que não se deixa totalizar pelo saber. O climatério pode tornar esse ponto mais sensível em determinadas trajetórias, convocando respostas singulares diante das transformações do corpo, da vacilação dos ideais e dos limites próprios da simbolização.

4 CONCLUSÃO

Este artigo teve como objetivo analisar as reconfigurações da feminilidade no climatério à luz da psicanálise, articulando contribuições freudianas e lacanianas, especialmente as formulações acerca da

castração, das identificações, da sexuação e da lógica do não-todo. Em diálogo com uma vinheta clínica, buscou-se compreender de que modo as transformações associadas ao climatério podem incidir sobre ideais narcísicos, identificações e posições subjetivas, sem reduzir essa experiência à sua dimensão fisiológica ou supor efeitos homogêneos para todas as mulheres.

A discussão desenvolvida permitiu sustentar que o climatério não constitui, por si só, uma crise subjetiva nem possui um significado universal. A cessação da função reprodutiva, as transformações na imagem corporal, as alterações na sexualidade, a saída dos filhos de casa ou a fragilização de referências associadas à maternidade e ao cuidado podem adquirir efeitos distintos conforme a história singular do sujeito e os significantes que organizam seus investimentos. No caso discutido, tais acontecimentos incidiram sobre identificações fortemente investidas, evidenciando a vacilação de ideais que conferiam consistência à imagem de si e orientavam formas particulares de reconhecimento.

As formulações freudianas permitiram discutir como as perdas e os deslocamentos nos investimentos podem mobilizar trabalho psíquico, sem que a perda seja tomada exclusivamente como empobrecimento. Já a elaboração lacaniana contribuiu para situar que as identificações e os ideais não oferecem garantias definitivas de consistência subjetiva. Quando determinadas referências imaginárias e simbólicas se fragilizam, pode emergir um encontro com os limites da significação, isto é, com aquilo que não se deixa inteiramente nomear ou integrar às narrativas disponíveis sobre o corpo, a idade, a sexualidade e a feminilidade.

Nesse ponto, a lógica do não-todo mostrou-se especialmente fecunda para evitar que a feminilidade fosse reduzida à fertilidade, à maternidade, à juventude ou a qualquer outro ideal capaz de totalizá-la. Tal lógica não define uma essência das mulheres nem autoriza atribuir automaticamente ao climatério uma modalidade específica de gozo. Ela permite, antes, sustentar que não há um significante capaz de esgotar o feminino e que cada sujeito estabelece relações singulares com os ideais, com a função fálica, com o corpo e com o gozo. Assim, a experiência do climatério pode tornar mais sensível, em determinadas trajetórias, a insuficiência das referências que anteriormente organizavam a posição subjetiva, sem que isso implique uma leitura universalizante da experiência.

A análise da vinheta também indicou que a vacilação de identificações anteriormente privilegiadas pode abrir espaço para deslocamentos nos investimentos libidinais, para a construção de novos laços e para formas singulares de elaboração. Tais movimentos não devem ser compreendidos como substituições compensatórias nem como superação definitiva das perdas, mas como respostas contingentes diante do enfraquecimento de determinados ideais e da necessidade de produzir novos recursos para se situar diante do corpo e da própria história.

Como contribuição teórica, o estudo propõe compreender o climatério como um campo de investigação capaz de articular corpo, ideais, identificações, desejo e gozo sem subordinar a experiência

subjetiva ao modelo biomédico. Essa perspectiva não recusa a importância do acompanhamento médico e dos aspectos orgânicos envolvidos nesse período; ao contrário, sustenta a necessidade de que tais dimensões sejam consideradas em interlocução com os efeitos simbólicos, imaginários e reais que atravessam cada trajetória. Ao deslocar o foco de uma concepção de declínio inevitável para a análise dos modos singulares de resposta às transformações, a pesquisa contribui para uma leitura crítica dos ideais contemporâneos de feminilidade e para o reconhecimento da heterogeneidade das experiências climatéricas.

No campo clínico, as formulações desenvolvidas ressaltam a importância de uma escuta psicológica que não tome o sofrimento no climatério como consequência direta e necessária das alterações corporais, nem como evidência de inadequação diante de padrões sociais. A clínica pode oferecer um espaço para que cada mulher interroge os ideais que sustentavam suas formas de reconhecimento, elabore perdas e construa recursos singulares para lidar com aquilo que permanece sem garantia de sentido. Trata-se, portanto, de acolher a experiência sem impor narrativas de declínio, adaptação ou emancipação, sustentando a particularidade dos modos de cada sujeito se posicionar diante das transformações que atravessam seu corpo e sua história.

No horizonte de abertura da pesquisa, novas investigações podem aprofundar a discussão aqui proposta por meio de estudos clínicos qualitativos que investiguem narrativas de mulheres em diferentes contextos sociais, raciais, territoriais, geracionais e familiares. Também se mostra relevante examinar como raça, classe, sexualidade, deficiência, vínculos de trabalho, acesso à saúde e diferentes configurações de gênero atravessam as experiências do climatério e os ideais de feminilidade socialmente disponíveis. Investigações que articulem psicanálise, estudos de gênero, saúde coletiva e práticas clínicas interdisciplinares podem ampliar a compreensão do fenômeno sem apagar sua dimensão singular.

Destaca-se, ainda, que este estudo não tem como objetivo esgotar o fenômeno investigado, mas oferecer uma leitura teórica possível, sustentada pela coerência interna do referencial psicanalítico adotado e pela articulação entre seus principais operadores conceituais, com vistas a contribuir para o debate acerca da feminilidade no climatério no campo da psicanálise.

Conclui-se que o climatério pode constituir, para algumas mulheres, um tempo de inflexão em que ideais, identificações e referências corporais anteriormente privilegiadas se tornam insuficientes para sustentar os sentidos de si. Embora tal experiência possa envolver sofrimento, estranhamento e encontro com limites de simbolização, ela não se reduz a uma narrativa de perda ou declínio. Pode também convocar rearranjos identificatórios, deslocamentos nos investimentos e respostas singulares diante do real que atravessa o corpo. Ao sustentar a não totalização do feminino e a singularidade das respostas subjetivas, a psicanálise oferece instrumentos para ampliar a escuta clínica e teórica do climatério para além de explicações exclusivamente biológicas ou normativas.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; São Paulo: Cortez, 1999.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2008.
- BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- BORDO, Susan. **Unbearable weight: feminism, Western culture, and the body**. 10th anniversary ed. Berkeley: University of California Press, 2003.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. Publicado originalmente como *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990).
- COSSI, Rafael Kalaf. **Lacan e o feminismo: a diferença dos sexos**. São Paulo: Zagodoni, 2024.
- FARIA, Michele Roman. **Neurose, psicose e perversão: Lacan e as estruturas clínicas**. São Paulo: Toro Editora, 2025.
- FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA (FEBRASGO). **Climatério: manual de orientação**. São Paulo: FEBRASGO, 2019.
- FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo** (1924). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos** (1925). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **Feminilidade** (1933). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia** (1917). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Sexualidade feminina** (1931). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Teorias sexuais infantis** (1908). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1999.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. São Paulo: Boitempo, 2008.

LACAN, Jacques. **A direção do tratamento e os princípios de seu poder** (1960). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada**. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **A significação do falo** (1958). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 692-703.

LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica** (1949). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 3: as psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2017.

SHOWALTER, Elaine. **The female malady: women, madness and English culture, 1830-1980**. London: Virago Press, 1987.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Research on the menopause in the 1990s: report of a WHO scientific group**. Geneva: World Health Organization, 1996. (WHO Technical Report Series, n. 866).

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.